

PARA QUE SERVE O ENSINO DE HISTÓRIA?*

Gilmar Arruda**

RESUMO:

O artigo tenta de forma bastante coloquial desenvolver as relações entre a produção do conhecimento histórico, o poder, o ensino de história e o compromisso político no exercício profissional.

UNITERMOS:

história, ensino de história, política, cidadania.

A história é o produto mais humano dos humanos, afinal não e têm notícias de pardais reunidos em assembléia deliberando e produzindo história. Apesar disso, atualmente está muito difícil falar da profissão de professor de história e mesmo da história, neste mundo, que a cada dia torna-se mais refratário as coisas do espírito humano e por isso mesmo fica mais estúpido.

Um mundo que valoriza as máquinas e as ciências ditas tecnológicas e não o homem e sua humanidade. Estamos com certeza num mundo em que a história parece ter sido jogada na lata de lixo, como se fosse desnecessária, secundária e inútil.

Mas qual história menciono quando digo que a característica mais humana dos humanos é a produção da história? Do que tratamos quando nos referimos ao termo história? Primeiramente é necessário afirmar que não é possível recuperar a história, aquela que realmente teria acontecido, pelo simples motivo que o passado está irremediavelmente perdido e é impossível retornar.

* Originalmente publicado em *História & Ensino*, v. 1, p. 61-68, 1995.

** Professor do Departamento de História/UEL – Campus Universitário, Londrina-PR, 86051-990

Ninguém possui a verdade histórica absoluta. A verdade construída sobre o passado faz parte das estratégias dos grupos dominantes. Quem diz deter a verdade sobre o passado está efetivamente querendo dizer que possui os “verdadeiros” caminhos do futuro e que portanto devemos segui-lo.

Além é preciso dizer que a história que aprendemos, nos livros didáticos ou não, faz parte da luta pelo poder. Devemos parar para pensar que a história refere-se aos infinitos fatos passados da sociedade humana e que somente uma ínfima parte deles recebem o estatuto de fato histórico.

A primeira coisa a fazer é admitir que as nossas informações sobre o passado não é a “história” com “H” maiúsculo e sim um conhecimento, que chega até nós pela memória e pela chamada HISTORIOGRAFIA, o resultado das pesquisas sobre o passado.

Aquilo que foi ensinado como história é apenas e nada mais além do que o conhecimento sobre a história, assim como existem os conhecimentos sobre a biologia, sobre a física etc. E como todo conhecimento, é influenciado pelo próprio indivíduo que o produz e pelo seu tempo.

Vejamos um bom exemplo tirado da literatura. O cego Faustino um personagem do romance “Viva o povo brasileiro” de João Ubaldo Ribeiro, nos fala sobre o que é a história, esse misterioso objeto dos nossos pesadelos, sonhos e desejos:

Mas explicou o cego, a História não é só essa que está nos livros, até porque muitos dos que escrevem livros mentem mais do que os que contam histórias de Troncoso.

[...] Toda história é falsa ou meio falsa, e cada geração que chega, resolve o que aconteceu antes dela, e assim a História dos livros é tão inventada quanto a dos jornais, onde se lê cada peto de arrepiar os cabelos. Poucos livros devem ser confiados, assim como poucas pessoas, é a mesma coisa.

Além disso, continuou o cego, a História feita por papéis deixa passar tudo aquilo que não se botou no papel, e só se bota no papel o que interessa [...]. Então, toda História dos papéis é pelo interesse de alguém. E tem mais, falou o cego, o que para um é preto como carvão, para outro é alvo como jasmim.[...] O que para um é importante, para outro não existe.

Posso então perguntar como é que nós sabemos hoje que Pedro Alvares Cabral chegou ao Brasil em abril de 1500 ou melhor ainda, que quem chegou ao Brasil em 1500 foi um português chamado Pedro Alvares Cabral?

E mais, por que falamos apenas do Cabral e quanto aos outros que o acompanhavam ? Como chegou até nós esta outras tantas informações sobre o passado ?

Mais algumas perguntas; será que o que nós estudamos ou lemos é TUDO o que ocorreu no passado ? Tai uma questão que esquentava muito a cabeça dos historiadores.

Pensem um pouco: Por que ou como alguns acontecimentos tornam-se FATOS HISTÓRICOS e outros não ?

O que sabemos e a forma como sabemos das informações sobre o passado deve-se entre outras coisas, principalmente, ao poder e sua necessidade de controlar a memória para se legitimar diante dos contemporâneos, deve-se também em menor parte, ao trabalho dos historiadores ou das pessoas que hoje chamamos de historiadores.

Além disso, no mundo contemporâneo, as escolas, os professores de história, os meios de comunicação ampliaram a divulgação dos conhecimentos da história como decorrência de suas atividades profissionais.

Claro, que os professores ao ensinarem, quase sempre reforçam, reafirmam as uma determinada VERSÃO, normalmente construída pelos grupos dominantes de cada sociedade, sobre o que e como aconteceu no passado.

Isso tudo quer dizer que aquilo que se chama de história é na verdade, repetindo, o conhecimento que temos sobre o passado. É resultado em parte do trabalho dos historiadores, que são as vezes barbudos e com óculos, que se enfiam nos arquivos, adoram papéis velhos, descobrem as antigas cartas, não podem ver um velhinho que sacam de seu gravador para entrevistá-lo e gravar suas memórias, são ratos de biblioteca e frequentam mais livrarias e sebos do que os supermercados.

Mas não é só isso. Por que então sabemos de Pedro Alvares Cabral e não dos outros ?

Em grande parte isso se deve, como já dissemos, ao significado que a memória tem para o poder, para quem domina. Ser o senhor da memória sempre foi uma grande arma nas mãos dos poderosos. Não é a toa que o poder detesta arquivos, detesta que se lembre de fatos, guarde documentos. Observem a rapidez que se procura destruir as memórias negativas da sociedade, por exemplo, a pressa em demolir a antiga cadeia pública da cidade de Londrina.

Assim, o poder na ânsia de apagar seu passado, quer eliminar inclusive os restos materiais que o denunciem. É quase como um criminoso querendo apagar os rastros dos seus crimes. Os historiadores agem como detetives atrás de provas e documentos que provem as suas idéias sobre o passado.

Dependendo, essas idéias podem incomodar o poder, seria o caso, por exemplo, de pesquisadores que queiram investigar as atrocidades das autoridades e dos “coronéis” estaduais – policiais ou não – durante os anos 40 e 50 no norte do Paraná, – em cidades como Porecatú, Jaguapitã, Londrina etc.

Voltando as nossas perguntas, se conhecemos apenas o Cabral, isto deve-se em parte ao poder, o restante deve-se as posições que os professores e historiadores assumem com relação ao passado. Pedro Alvares Cabral era o chefe, o comandante da frota, o representante da coroa portuguesa, o poder.

Assim os historiadores tem reforçado a idéia que o Brasil foi uma invenção dos portugueses – entenda-se Pedro Alvares Cabral – esquecendo-se propositadamente, por exemplo, dos marinheiros anônimos – como será que se chamava o marinheiro que gritou – “TERRA A VISTA”, na tarde do dia 22 de abril de 1500? E quanto aos milhões de nativos que por aqui viviam ?

A “história” que ensinamos, por longo tempo, foi a versão dada pelo poder, a Carta de Caminha, que relata a ocupação branca em um território que eles chamaram de Brasil. Felizmente as coisas estão mudando.

É verdade que Cabral chegou ao Brasil naquele abril de 1500, isso não se discute, pois já está bem provado. O que podemos discutir é por que ficamos sabendo apenas do Cabral e mais alguns poucos? Como já disse, devemos isso ao poder que preservou os seus documentos. Como disse o cego Faustino, a história se faz com papéis e se põe no papel apenas o que interessa. Por exemplo preservou a carta de Caminha – vejam que saber ler escrever era um simbolo de poder naquele tempo e continua sendo até hoje no Brasil – e destruiu ou apagou os rastros dos outros, os vencidos em vida, esquecidos na morte. Hoje, sabemos que não é bem assim, pois é possível ler nas entrelinhas e existem outros tipos de documentos como os depoimentos orais, que permitem ao historiador descobrir coisas que não interessava ou interessa ao poder.

Então já sabemos que o nosso saber sobre o passado é conhecimento e não a própria história. Conhecimento influenciado pelo próprio tempo – a destruição de documentos intencionalmente ou não – e pelo ofício do historiador e do professor.

Sabemos também que esse conhecimento baseia-se nos documentos. O que são então os documentos? Há algum tempo os documentos eram os escritos deixados pelos “antigos” não importando o quanto antigo fossem. Hoje, documento é

qualquer vestígio, qualquer rastro que porventura as gerações passadas, intencionalmente ou não, tenham deixado.

São documentos instrumentos de trabalho, gravuras, quadros, livros, registros de óbitos, cartas de amor, fotografias, gibis, mapas, cardápios, roupas, músicas, etc. É em cima disso que o historiador busca as suas informações para tecer a sua “história”.

Assim é construído o nosso saber sobre o passado. O historiador formula uma pergunta e sai em busca de respostas para ela. Nossa profissão é responsável em grande parte pela criação, manutenção e divulgação das interpretações sobre o passado, o que não é pouca responsabilidade.

Afirmo isso para aqueles que acham que os professores não prejudicam muito a sociedade quando são mal formados.

Ao contrário, por exemplo dos médicos que quando erram podem matar imediatamente um ou mais indivíduos, ou dos engenheiros que mal formados podem colocar em risco as vidas dos moradores de um prédio, os riscos da má formação dos professores não aparecem no curto prazo.

Na medida que não se interrogam sobre o conhecimento que ensinam nas salas de aula, retransmitem uma versão de heróis e grandes homens. Uma sociedade democrática precisa dar voz a todos os seus membros e isto significa dar vez também a memória dos que não possuem nomes em ruas e praças públicas.

Mas afinal o que é esse objeto que nós juramos fidelidade, o passado, a história. Como nós podemos entendê-la? Como podemos agir diante da perda irremediável do passado?

Podemos recorrer aos filósofos para entender um pouco mais. Houve um que se chamava Walter Benjamin, morto durante a segunda guerra pelos nazistas, que explicava a história da seguinte maneira e é mais ou menos como eu a entendo:

Diz Benjamin (1985)

Há um quadro de Klee – um pintor alemão – que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-la. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoadado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.

Nós historiadores e professores nos encontramos diante da história da mesma forma que o anjo do pintor e do filósofo. Assistimos o tempo passar e tentamos desesperadamente, no nosso ofício, juntar os cacos da catástrofe que é a história da humanidade. O passado está destinado irremediavelmente a se perder e precisamos escolher o que salvar, o que lembrar, o que ensinar para nossos alunos.

É aqui que a nossa profissão é privilegiada, pois temos a possibilidade de, quase como Deuses, dar vida aos mortos que estão espalhados ao lado da estrada que leva a origem de que fala o pintor e o filósofo. Fazemos isso diariamente quando entramos nas salas de aula para ensinar “história”, por isso a escolha do que ensinar, de qual memória lembrar é tão importante para a nossa profissão.

Depende de nós lembrarmos só de Pedro Álvares Cabral ou também do anônimo marinheiro que gritou “Terra a vista” e dos nativos que assistiram a chegada daqueles estranhos seres “europeus”.

O barro que a nossa profissão utiliza para construir o seus utensílios é o mesmo que o poeta usa. É sobre a desventura humana e a suas ruínas, que nós e os poetas nos debruçamos para construir os enredos, as nossas “verdades”. Diferente são os resultados,

pois se acredita que nosso ofício procuraria a verdade e os poetas seriam meio loucos, ou como diz um deles, Fernando Pessoa,

“Dizem que finjo ou minto
tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
com a imaginação.
Não uso o coração”.

Essa é a nossa profissão, lidamos com o irrecuperável, o passado e esta é a sua fascinação. Nosso desafio é trazer para a luz o esquecido, o perdido, o exilado pelo tempo. Nossa profissão é alegre por permitir dar vida e voz àqueles silenciados pelo poder, mas é também triste por encontramos cotidianamente, como disse o filósofo, com as ruínas da história.

Hoje, os historiadores e professores de história, num mundo cada vez mais descartável, sem memória, precisam assumir a obrigação de serem os guardadores da memória, da tradição.

Se assim agirmos como profissionais, poderemos voltar para casa no final do dia, sentar na varanda, rever os amigos e ver o por do sol, certo de que seremos alegres por não sermos cúmplices do poder. E não há nada que se compare a uma boa e calma conversa com bons amigos na varanda no final da tarde.

Referências

BENJAMIM, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, v. 1)

LE GOFF, J. *História e Memória*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Casa da Moeda, 1981. (História e Memória)

PESSOA, F. *O eu profundo e os outros eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ABSTRACT:

The article tries to develop, in a quite colloquial way, the relationships among the production of the historical knowledge, the power, the history teaching and the political commitment in the professional exercise.

KEY WORDS:

history, history teaching, politics, citizenship.